

FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO - FESPSP  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - FaBCI

Fernanda Gomes NEUHOLD

A influência do contexto político na elaboração de conflitos internos em Morangos  
Mofados.

SÃO PAULO

2017

Fernanda Gomes Neuhold

A influência do contexto político na elaboração de conflitos internos em Morangos  
Mofados.

Trabalho Temático apresentado para obtenção  
de nota complementar nas disciplinas do curso  
de graduação em Biblioteconomia e Ciência  
Informação da Fundação Escola de Sociologia e  
Política de São Paulo.

SÃO PAULO

2017

Fernanda Gomes Neuhold

A influência do contexto político na elaboração de conflitos internos em Morangos Mofados.

Trabalho Temático apresentado para obtenção de nota complementar nas disciplinas do curso de graduação em Biblioteconomia e Ciência Informação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

Banca Examinadora:

---

Profª Drª Carla Regina Mota Diéguez

---

Profª Ms. Daniele Cristina Gonçalves Brene Pires

---

Prof. Esp. Henrique Mariano Coimbra Ferreira

---

Prof. Dr. Ivan Russeff

---

Prof. Ms. José Mário de Oliveira Mendes

---

Profª Esp. Maria Rosa Crespo

---

Prof. Msc. Wanderson Scapechi

Data de aprovação: \_\_/\_\_/\_\_

## RESUMO

O presente artigo se propõe a analisar o livro *Morangos Mofados* de Caio Fernando Abreu através de uma perspectiva histórica que contextualiza os conflitos enfrentados pela população brasileira e procura ligá-los ao período de ditadura militar e redemocratização do Brasil. Para tal, inicialmente é feita uma análise do período que compreende as décadas de 60 e 70, se ressaltando elementos como a contracultura e o Tropicalismo. Objetivando demonstrar como o a repressão pode ter afetado a população durante o período de ditadura, são analisados aspectos como torturas e desaparecimentos. Por fim, os contos, personagens e partes do livro são examinados a fim de se aplicar os conhecimentos anteriores à questão dos conflitos internos. Por fim, podemos notar que diversas passagens do livro, inclusive sua divisão em três partes pode ser relacionada ao contexto histórico das décadas de 60 e 70 no Brasil. Se conclui que o autor, ao utilizar elementos como a contracultura e o próprio processo de criação de conflitos entre os personagens, possivelmente foi influenciado por esse contexto.

**Palavras-chave:** Ditadura Militar. *Morangos Mofados*. Tortura. Década de sessenta. Década de setenta. Contracultura.

## ABSTRACT

This article is proposed to analyze the book *Morangos Mofados* by Caio Fernando Abreu through a historical perspective, which contextualizes the conflicts faced by the Brazilian population and seeks to link them to the period of military dictatorship and democratization of Brazil. For this, an analysis of the period that comprises the decades of 60 and 70 is made, emphasizing elements such as the counterculture and Tropicalism. Aiming to demonstrate how repression may have affected the population during the period of dictatorship, aspects such as torture and disappearances are analyzed. Finally, the tales, characters, and parts of the book are examined in order to apply prior knowledge to the issue of internal conflicts. Finally, we can notice that several passages in the book, including its three-part division, may be related to the historical context of the 1960s and 1970s in Brazil. We conclude that the author, using elements such as the counterculture and the process of creating conflicts between the characters, was possibly influenced by this context.

**Key Words:** Military Dictatorship. *Morangos Mofados*. Torture. Sixties. Seventies. Counterculture.

## SUMÁRIO

- 1. Introdução**7
  - 2. A influência do contexto histórico e político em Morangos Mofados**8
  - 3. A construção de conflitos internos a partir da violência e repressão políticas**12
  - 4. Morangos Mofados e os conflitos de ordem psicológica e social**16
  - 5. Considerações Finais**21
- Referências**22

## 1. Introdução

A leitura de *Morangos Mofados* é, por diversas vezes, densa. Em grande parte dos contos e dos personagens podemos identificar fatores como melancolia, ansiedade, ressentimentos com relação ao passado e medo do futuro. Diversas passagens também deixam explícito que os personagens sofrem repressão e perseguição e que estão expostos a diversos tipos de violência. O autor não explicita o tempo dos contos, ou uma época específica em que eles acontecem, porém graças a elementos encontrados na narrativa e ao estudo do contexto histórico no qual foi escrito, é possível inferir uma possível ligação com o período de ditadura militar no Brasil. A partir desta construção se desenvolveu a hipótese de que a maioria dos conflitos internos tratados tem origem na repressão política experimentada durante o período da ditadura militar e nas inseguranças do período de transição entre um regime autoritário e a redemocratização do país.

O objetivo do presente trabalho é analisar o livro para identificar características que foram definidas como conflitos internos e que perpassam pelos fatores que alimentam as angústias dos personagens e justificar estes conflitos a partir do contexto histórico e político no qual foi escrito. Primeiramente será apresentado, de forma mais detalhada, o contexto histórico no qual se infere que o autor escreveu o livro, no qual o foco serão as relações culturais, principalmente na contracultura, movimento presente em grande parte da obra. Em seguida será analisada a bibliografia encontrada sobre o tema, que analise casos de como a violência, a repressão e o contexto político podem influenciar nas relações e sentimentos dos indivíduos. Por fim, será realizada uma análise do livro, sendo apontados os contos e personagens que apresentam sinais de conflitos e como eles podem ser identificados como resultantes do contexto político.

## 2. A influência do contexto histórico e político em *Morangos Mofados*

Logo ao final de *Morangos Mofados*, encontramos uma carta de Caio Fernando Abreu direcionada ao jornalista José Márcio Penido. Nela, Abreu revela

(...) Mas o melhor que li nesses dias não foi ficção. Foi um pequeno artigo de Nirlando Beirão na última *IstoÉ* (do dia 19 de dezembro, please, leia), chamado “O recomeço do sonho”. Li várias vezes. Na primeira, chorei de pura emoção - porque ele reabilita todas as vivências que eu tive nesta década. Claro que ele fala de uma geração inteira, mas daí saquei, meu Deus, como sou típico, como sou estereótipo da minha geração. (ABREU, 1979, pg.163).

Esse trecho que indica seu interesse pelo estereótipo de sua geração que junto com reflexões suscitadas pela leitura do livro, levaram a hipótese de que o mote de *Morangos Mofados* é tratar das experiências psicológicas vividas no período de ditadura militar no Brasil.

Assim, para a construção do que se pretende alcançar com o trabalho foi necessária a contextualização das décadas anteriores ao lançamento de *Morangos Mofados*. Em contos como “Os companheiros” fica explícita a referência à ditadura militar e, em outros, como “O dia em que Urano entrou em escorpião”, a contracultura. Barros (2004) afirma que nos anos 50, com o governo de Juscelino, o “clima” brasileiro era de esperança. Pautados por um sentimento de renovação graças às promessas sobre a modernização, a juventude via nos “cinquenta anos em cinco” a possibilidade de um novo Brasil. Além disso, também destaca que “A juventude vivia na promessa de um país em que as artes floresciam, e que a discussão social e política iam caminhando para uma verdadeira democracia.” (BARROS, 2004, pg. 33)

Dentro desse contexto o golpe de 1964 foi uma reviravolta não esperada. Despojada de sua esperança a juventude encara três possibilidades: a luta armada, a contracultura enquanto “desbunde”, ou o conformismo com a situação. A contracultura é um dos principais elementos de *Morangos Mofados*, e uma das maneiras mais claras para enxergá-la no livro é através das referências musicais, de artistas símbolo do movimento como John Lennon, Elis Regina e tropicalistas como Caetano Veloso e Gal Costa. A contracultura, no entendimento de Pereira (1988) pode tanto se referir a um período datado, dos anos 60, que se referia a um “conjunto de movimentos de

rebelião da juventude” (PEREIRA, 1988, p. 20) e se relacionava ao rock, ao movimento hippie, às drogas, e de uma experiência contestatória que procurava levar a frente um sentimento de resistência, quanto a

(...) alguma coisa mais geral, mais abstrata, um certo espírito, um certo modo de contestação, de enfrentamento diante da ordem vigente, de caráter profundamente radical e bastante estranho às formas mais tradicionais de oposição a esta mesma ordem dominante. Um tipo de crítica anárquica – esta parece ser a palavra-chave - que, de certa maneira, “rompe com as regras do jogo” em termos de modo de se fazer oposição a uma determinada situação. (PEREIRA, 1988, p. 20-22).

Esse espírito citado vai ser facilmente identificado no livro, em sua segunda parte, “Os Morangos”. Nela, as possibilidades de mudança, assim como pequenos relances de resistência são identificados em contos como Aqueles Dois, já que mesmo em um ambiente repressor, os personagens permitem que o amor floresça. O que Pereira (1988) também vai destacar é o caráter individualista que a contracultura adotou. Ao mesmo tempo em que se rebelavam contra o sistema vigente, a juventude já não via uma solução na luta política, pois não via, na mesma, respostas para suas contestações. Isso também é identificado em algumas passagens do livro quando o autor nos apresenta personagens desacreditados, censurados e enclausurados pelo sentimento de repressão sem saída.

Outra característica que foi observada em detrimento dos conflitos internos é a frequente incerteza. Também através da cultura Hollanda (1982) revela que

Menos um problema de quantidade, esses movimentos explicitavam de forma original adversidade de conflitos e contradições presentes no cotidiano das sociedades contemporâneas. A resistência pacifista, a recusa dos autoritarismos à direita ou à esquerda, a denúncia do sistema educativo-cultural, a luta por direitos e contra as discriminações: soprava um vento libertário, um desejo de "responsabilidade existencial" contra um sistema de vida fechado e controlado por elites, onde o destino surgia como imposição exterior. (HOLLANDA, 1982, p. 70).

Nesse sentido, Barros (2004) também destaca que questões feministas e luta pelos direitos LGBT florescem com a contracultura. Essa é uma característica clara a se

observar em Morangos Mofados graças aos contos que tratam da temática homossexual.

O ano de 1968 se configura como data importante de análise já que cunha o surgimento do Movimento Tropicalista (BARROS, 2004) e da consolidação do regime instalado em 1964 (HOLLANDA, 1982). Ao mesmo tempo em que as universidades e o movimento político libertário que surgem nelas começam a ser criminalizados e a crescente sensação de desânimo e vazio acomete os jovens, a individualidade pregada pelo Tropicalismo se encontra em evidência (HOLLANDA, 1982) já que o que vem sendo construído coletivamente durante os anos, o que começa com intensa articulação e sentimento de poder, acaba se esvaindo, graças ao crescente revide do governo repressor.

A repressão foi-se tornando, cada vez mais, cruel. Veio o AI-5, famigerado instrumento de tortura, veio o decreto 47 para acabar de vez com a universidade. E, pouco a pouco, as formas mal organizadas, carentes de quadros e liderança (não tínhamos um Lula) bateram em retirada e a desarticulação foi aumentando na mesma proporção que o medo. O sonho cedeu lugar ao pesadelo. Instalou-se o silêncio e matou-se, cruamente, um movimento democrático popular, cuja aspiração era por um Estado de justiça e liberdade, contra a usurpação de nossa soberania política e econômica. (HOLLANDA, 1982, p. 81).

Nos anos que se seguiram, ainda que pressionados e censurados, o movimento cultural no Brasil permaneceu lutando, à sua maneira.

Mas é evidente que nem tudo se perdeu: ficou o esforço, ficaram gestos de grandeza, preocupações fecundas. E onde o pensamento político carecia de lucidez, a sensibilidade dos artistas produzia criações cheias de encanto, livros, poemas, filmes, canções. Obras cuja vitalidade não pode ser negada, porque ainda hoje circulam entre nós e nos emocionam. (HOLLANDA, 1982, p. 91)

Essa é outra característica identificada no livro: ao mesmo tempo em que os personagens são sufocados pela repressão, existem os momentos de esperança, em que se é permitido vislumbrar um futuro positivo.

Entre 76 e 78, se configura um “processo de abertura”, retorna o movimento estudantil, assim como o movimento operário. Hollanda (1982) destaca que a anistia também vai

ocorrer, com o retorno de exilados e banidos. Nas palavras da autora “Em certo sentido, o país começa a colocar-se novamente a possibilidade de sua inteligência.” Assim, no geral, a fragmentação identificada em *Morangos Mofados*, a quebra no tempo e espaço, as rupturas de história podem ser ligadas a esses mesmos aspectos no “mundo real”. A passagem de um momento de esperança, para a ruptura brusca da intervenção militar, seguida do golpe, pode ser ligada a essa mesma fragmentação frequente no livro, desde os diálogos até a quebra brusca da esperança dos personagens.

Influenciados por um multiculturalismo, inclusive internacional, é perceptível nas descrições do referencial teórico o momento turbulento pelo qual a juventude passava. Ao mesmo tempo em que estava mergulhada nesse contexto cultural efervescente, que trazia sentido de união e luta, encarava as derrotas, os desaparecimentos, a censura constante.

O que se infere é que através das constantes mudanças, um sentimento de incerteza misturado à melancolia e ao sentimento de luta, mesmo que uma luta individual, se fez presente. A própria estrutura do livro, com os momentos de *O Mofo*, seguido de *Morangos Mofados*, vai revelar essa dinâmica de desesperança. Pode-se observar através das referências bibliográficas como os sentimentos da juventude foram conflituosos.

### **3. A construção de conflitos internos a partir da violência e repressão políticas**

A partir de uma breve inserção no tema, é possível inferir que a violência cometida pelo Estado se faz presente tanto em regimes democráticos quanto em regimes autoritários. Ainda que camadas mais pobres da sociedade atual estejam desamparadas pelo Estado quando nos referimos à violência, e que por muitas vezes ainda sejam alvos da violência do próprio, nas décadas de 60 e 70, o que foi vivido foi uma violência institucionalizada que atingiu também os jovens de classe média que ousaram se opor ao regime militar.

A garantia de direitos desapareceu e com a criação do DOPS decisões de quem podia desaparecer, a criminalização do movimento estudantil e de qualquer tipo de organização, por mínimas que fossem, que envolvessem elementos considerados “perigosos” foi extensa. Aqueles que faziam parte da efervescência, das tentativas de revolução, passaram a ser silenciados, a tortura e a morte eram fatos consolidados.

O objetivo do presente capítulo é voltar a apresentar o contexto de ditadura e suas consequências psicológicas nos indivíduos. Por falta de bibliografia que analisa diretamente os efeitos psicológicos de regimes repressores, serão tratados os aspectos da tortura no desenvolvimento de transtornos psicológicos e também da memória das violências cometidas.

Inicialmente, apontadas por Martín (2005), com relação à tortura

As sequelas mais frequentes são: os problemas identitários, os processos dissociativos graves, os comportamentos regressivos, os lutos não elaborados, a angústia crônica, a ansiedade e a depressão, a insônia persistente, os pesadelos, a repetição, os transtornos neuróticos ou psicóticos, as alterações dos hábitos alimentares, sexuais, etc., associadas à alta irritabilidade, com crises de clausura mais ou menos graves, os sentimentos de culpabilidade e de vergonha, de perseguição e de dano permanente, a incapacidade de trabalho e perda profissional, o isolamento, os transtornos da memória, da percepção e da atenção (estado de alerta permanente), as dificuldades relacionais com o casal, a família, etc. São assinaladas as frequentes e crescentes dificuldades de inserção laboral. (MARTÍN, 2005, p. 437).

Como será visto adiante, praticamente todas as sequelas citadas acima podem ser identificadas em Morangos Mofados. Outra característica importante dos impactos da tortura destacada pelo autor é sua característica hereditária.

Uma das facetas mais exploradas em Morangos Mofados, que se dá de forma implícita e também explícita, é uma sensação de temor encontrada no ambiente dos contos ou nos personagens. O medo foi uma das principais armas do regime militar para fazer com que a própria população delatasse indivíduos “suspeitos”, já que a própria omissão perante a “atitudes estranhas” poderia ser punida.

O medo do outro, entendido como detentor de um poder absoluto provoca, em seus extremos, atitudes que desfazem as fronteiras entre realidade e fantasia, esfera pública e privada, passado e presente. (MAGALHÃES, 1997).

Esse medo, como destaca Magalhães, cria conflitos inclusive naqueles que não estavam exatamente na mira do regime, que não apresentavam risco iminente de serem presos ou torturados.

Outros indivíduos expostos às consequências da repressão eram familiares das vítimas.

Segundo relatos, não foram poucas as famílias que sofreram privações ou mesmo torturas conjuntas com os filhos torturados, assim como há relatos de tortura de filhos de presos políticos como forma de pressão para que estes falassem o que seus pais pretendiam (AYDOS; FIGUEIREDO, 2013, p. 400).

Como já frisado anteriormente, são extensos os relatos de pessoas que foram presas e torturadas mesmo não tendo qualquer ligação com resistência ao regime. Isso, é claro, se devia também a uma estratégia para reprimir qualquer simpatia pela negação do regime militar.

Muitos inocentes foram presos. Estes sofriam mais. Por não ter o que dizer e confessar eram vistos com desconfiança, cada vez as torturas que sofriam se intensificavam. A violência política não foi aplicada somente aos que eram suspeitos de estarem lutando contra o governo. (BORGES; NORDER, 2008, p. 7).

Os traumas e consequências não eram sofridos por pequenos grupos isolados. Expostos a sorte de serem considerados suspeitos, qualquer pessoa, mesmo com a mínima consciência política, podia estar vivendo com medo, em situação de constante estresse e opressão.

Sendo o trauma fruto de acontecimentos drásticos, podemos ter, portanto, a definição de trauma como individual e coletivo, ou seja, individual quando apenas uma pessoa sofre por determinado ato, e coletivo, quando várias pessoas sofrem perante o mesmo contexto. No livro *Brasil Nunca Mais* podem ser constatados os dois tipos de traumas, pois, ao mesmo tempo em que é individual é coletivo, ao entender que ao mesmo tempo em que um indivíduo está sendo torturado, outros também estão, não sendo, necessariamente, pelo mesmo motivo, mas sim, pela mesma causa, a repressão política. (CHOCIAY; MONTEIRO, 2013, p. 92).

Assim, podemos inferir que repressão experimentada no período atingia a todos, inclusive os que simpatizavam com o regime, e que podiam ser acusados de traição. Um fato importante que pode ser citado é que o próprio estado passa a reconhecer que a violência que exerceu foi tamanha, que são necessárias políticas e tratamento específicos para as pessoas que experimentaram o período de ditadura militar. O reconhecimento do que se foi causado a toda uma geração é hoje afirmado através de iniciativas do próprio Estado, com a implementação de políticas públicas como as Clínicas do Testemunho. Em sua definição se destaca:

Nesse cenário, a falta de uma política pública que vise a reparar os efeitos psíquicos das violações representa uma negação do Estado em reconhecer os erros cometidos por seus agentes. A reparação apenas financeira e moral deixa uma fissura no campo psicológico que precisa ser abordada por meio de uma política pública de qualidade. A atenção psíquica às vítimas da violência do Estado brasileiro é, portanto, necessária na busca por uma reparação integral. (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICA)

Isso significa que pessoas que não enfrentaram necessariamente a violência física não tenham sofrido consequências psicológicas que podem ter marcado gerações. Como visto, o fato isolado de se viver no contexto de ditadura já poderia ser um gatilho, uma forma de causar transtornos que se seguem até a atualidade. O sentimento de desamparo pode ser destacado, já que como a violência era cometida pelo próprio Estado, não havia a quem se recorrer.

A violência foi institucionalizada, fazia parte do dia-a-dia sentir medo, se sentir enclausurado. Frente a esse contexto, podemos somente inferir como se organizavam o que no presente trabalho se chama de conflitos internos. A condição psicológica dos indivíduos, tanto daqueles que estavam diretamente envolvidos com a luta armada quanto daqueles que se organizavam em “protestos pacíficos” culturais era latente. Qualquer ação “suspeita” dos indivíduos podia ser uma justificativa para que se exercesse a violência do Estado. Sendo assim, fica claro que se vivia sob um clima de repressão, medo e desconfiança.

#### 4. Morangos Mofados e os conflitos de ordem psicológica e social

Para este capítulo serão analisados contos, passagens e personagens de Morangos Mofados a partir das perspectivas construídas anteriormente, ou seja, analisando os aspectos históricos (contracultura, Tropicalismo) e os aspectos “causadores” dos conflitos, como a tortura.

Inicialmente a própria “divisão” do livro pode ser analisada através desse viés. Dividido entre O mofo, Os morangos e Morangos Mofados, o livro demonstra estar tratando de três momentos. O Mofo conta com nove contos. A característica mais marcante percebida nesse primeiro momento é a descrença. Essa descrença, quando interpretada a partir de elementos como a perspectiva melancólica de quase todos os personagens e ambientes, pode ser ligada a derrota de uma geração. Como visto inicialmente, os jovens de 1964 foram pegos praticamente “de surpresa” com o golpe militar, já que o que vinha sendo construído era um processo de mudança e de esperança em um Brasil com potencial verdadeiramente democrático. Logo no segundo conto, Os Sobreviventes, se identifica a melancolia dos personagens, a descrença e a partir da palavra companheiro, a inferência a um caráter político. Em O dia em que Urano entrou em Escorpião um dos elementos da contracultura é utilizado: a astrologia. O medo da repressão também fica explícito através do controle do síndico sobre o “barulho” dos jovens. Também se percebe uma referência clara à tentativa de suicídio. Em contos como Pela passagem de uma grande dor e Além do ponto a referência às drogas, cigarros e bebidas também ficam implícitas, demonstrando que as personagens se encontram em conflito.

O conto Os Companheiros (uma história embaçada) é um dos que mais faz referência à ditadura. Logo no início, a passagem abaixo mostra:

Mas assim era. Caminhava na rua sem tocar na rua, conseguia. Movimentava-se entre espelhos. Caminhar na rua: jogo de infinitos. O de agora remetendo ao de antes, que refletia o depois, que era algo bem próximo do agora, e assim por diante, *ad infinitum* circular. (ABREU, 2016, p. 51).

Demonstrando como se remete a uma estrutura circular do tempo. Como visto, o período que compreende 1960 até 1980 se deu por essa circularidade, exatamente

por se iniciar com um período de esperança, que rapidamente passou para um momento de incertezas e violência para voltar novamente para a esperança de um momento melhor (a redemocratização nos anos 80). A tortura, marcada na pele da personagem Médica Curandeira, também pode ser considerada com indicação clara às torturas cometidas durante a ditadura. Outro elemento importante são os nomes dos personagens, indicando figuras caricatas desse período circular. Os morcegos são uma metáfora também clara do período sombrio da ditadura. Ainda que a esperança esteja sendo vislumbrada, os morcegos rondam, inquietos. Na passagem, vemos que

Ao mesmo tempo, para todos, era extremamente cômodo e perfeitamente insuportável permanecer assim, no meio do parado, suspeitando do voo dos morcegos por trás das janelas fechadas daquele quarto onde, quem sabe apenas as âncoras ancoradas nas paredes poderiam indicar qualquer coisa como -- um rumo? E finalmente, por uma longa série de razões vagas fundas baças tolas ou ainda mais confusas, esse tipo de coisa era praticamente tudo que se podia dizer sobre eles. Assim lentos, assim amargos, assim surdos, assim fortes até. Sobrevivendo à morte de todos os presságios. (ABREU, 2016, p. 56).

Fica óbvia a referência a uma geração que agora não tem nas mãos outra alternativa a não ser esperar. Ao mesmo tempo em que convivem em sua espera com o voo dos morcegos (a volta da repressão), também se agarram às âncoras na parede, que talvez indiquem um rumo. Eles, aqueles protagonistas caricatos de uma época de desesperança, não podem fazer nada além de esperar enquanto sobrevivem. O conto *Terça-feira Gorda* também remete a contracultura, tanto pela abordagem relacionada às drogas alucinógenas quanto pela questão da impotência frente à marginalização. Enquanto o companheiro é espancando o personagem principal nada pode fazer senão se afastar.

O conto *Luz e Sombra* é outro que deixa clara a influência da ditadura. O personagem se encontra em um lugar fechado. Enclausurado, se constrói diante de uma crescente incerteza e pessimismo. O personagem foi despojado de sua humanidade: não sabe quem é ou por que está ali ou para onde vai. Nesse conto, os morcegos se fazem novamente presentes, os animais que atormentam o personagem são pombas que “(...) são cinzentas, as pombas, e o ruído que fazem é sinistro como o de asas de morcegos” (ABREU, 2016, p. 69). Estão lá, invadindo a “cela” e bicando os olhos do

personagem. Ele se encontra frequentemente enjoado, vomita. Tenta colocar para fora de si esse sentimento de estagnação e não consegue.

Ao final dessa primeira parte, O Mofo, o que sobra é exatamente a sensação de desesperança. A mesma desesperança que foi experimentada na década de 60, quando a juventude viu seus sonhos se esvair. Através das metáforas dos animais voadores fica clara a referência do autor à ditadura nesse primeiro momento. O que resta, então, é a sensação de ânsia, de impotência, o gosto de mofo na boca. Se convive em uma atmosfera opressora, com medo, algo necessita sair, mas não se consegue colocar para fora.

A segunda parte do livro intitulada Os Morangos tem 7 contos. No primeiro, Transformações (Uma Fábula), já podemos inferir pelo nome o contexto de mudança. Em sua atmosfera, pairam um futuro incerto e um presente autoritário. É possível perceber como o personagem se define como endurecido, entediado, ainda que dentro de si exista o fogo. A Grande Falta é deixada de lado pela chegada da Outra Pessoa, que “tinha veias cheias de sangue, latejando suaves.” (ABREU, 2016, p. 82).

No conto Pêra, Uva ou Maça a tristeza não elaborada da personagem é outro marco, junto com o clima nostálgico. A personagem obviamente enfrenta alguma patologia, procura a resposta para um adormecimento dentro de si. Ainda sim, no final, com a analogia das ameixas, se deixa a impressão de algo positivo a ser encontrado. No conto O Dia em que Júpiter Encontrou Saturno (Nova História Coloria) fica clara a referência ao conto O dia em que Urano entrou em Escorpião. Dessa vez, o encontro de dois personagens, ainda que sufocante e não concretizado, deixa no ar a busca por um novo caminho.

Aqueles Dois é outro conto em que os personagens são alvo de discriminação, ainda que velada. Mesmo assim, decidem seguir pelo futuro incerto, mais uma vez são personagens que convivem com um futuro opressor e sofrem suas consequências, ao mesmo tempo em que têm medo do futuro, seguem “empurrados” por sua esperança de uma melhor situação.

Ai-ai! alguém gritou da janela. Mas eles não ouviram, O táxi já tinha dobrado a esquina. Pelas tardes poeirentas daquele resto de janeiro, quando o sol parecia gema de um enorme ovo frito no azul sem nuvens do céu, ninguém mais conseguiu trabalhar em paz na repartição. Quase todos ali dentro tinham a nítida sensação de que seriam infelizes para sempre. E foram. (ABREU, 2016, p. 148).

No trecho acima, a renovação é clara. O ai-ai de outrora, usado como julgamento, dessa vez não tem o poder de aniquilar os personagens. Todos aqueles que julgam, que tentam diminuí-los, falham. Dessa vez eles venceram, saem altivos pela vida. Novamente, os contos remetem ao momento político de abertura, de redemocratização. Em *Os Morangos*, a atmosfera opressora se alivia, os personagens se descobrem e se permitem avistar um futuro melhor. As transformações se aproximam, e ainda que exista o tédio, o sentimento de nostalgia e a estagnação, elas convivem com as sensações, as redescobertas, a espera do amor idealizado, a verbalização daquilo que se deseja. Assim, os conflitos vividos pelos personagens em *Os Morangos*, podem ser imaginados sendo sentidos por aqueles que vieram o Brasil em seu período de abertura política.

Em *Morangos Mofados* o personagem ao mesmo tempo em que, desacreditado e com o persistente gosto de mofo na boca, luta. Mais uma vez o vômito desse mofo é colocado, ainda que persista a melancolia, a insinuação de um amor perdido e de um passado idealizado, se buscam a melhora e a sobrevivência. As referências às drogas e ao suicídio estão lá, assim como o isolamento, mas também existe a passagem do personagem por todo esse período para que finalmente, o gosto do mofo desapareça. Ele passa a se sentir recém-nascido.

Abriu os dedos. Absolutamente calmo, absolutamente claro, absolutamente só enquanto considerava atento, observando os canteiros de cimento: será possível plantar morangos aqui? Ou se não aqui, procurar algum lugar em outro lugar? Frescos morangos vivos vermelhos.  
Achava que sim.  
Que sim.  
Sim. (ABREU, 2016, p. 157).

E agora, após esse período de quebra da esperança, de uma dor tão imensa que faz delirar, buscar a fuga no álcool e nas drogas e inclusive desejar a morte, pode existir esperança? No trecho acima, fica claro que se vê um futuro melhor. O que fica é a

necessidade de finalmente enfrentar o futuro, de encontrar sentido, mesmo diante de tudo que se sofreu. Esse final, novamente pode ser visto como uma referência ao início do período de redemocratização. Os conflitos que o personagem enfrenta se relacionam diretamente ao futuro. Na última parte, *Morangos Mofados*, podemos ver diversos elementos utilizados durante todo o livro, dessa vez condensados e com um desfecho que ainda que esteja “em aberto”, insinua a esperança e melhores perspectivas.

## 5. Considerações Finais

Como pudemos ver, entre as décadas de 60 e 80 o Brasil vivenciou a quebra de um momento político de abertura, de esperança, para um momento de repressão intensa que teve seu ápice no final da década de 60. Vivendo em um contexto de opressão e retirada de direitos, parte dos jovens brasileiros encontrou na contracultura uma forma de protesto e de fuga da realidade. Os jovens se encontram em uma constante atmosfera de desânimo e desesperança. Com a crescente repressão, essa atmosfera agrega o medo e com o início da censura, das mortes e do desaparecimento, o que resta são as sequelas psicológicas e físicas. Depois de anos vivenciando esse momento, surge uma nova esperança, com a volta de exilados, a Lei da Anistia e a iminência da redemocratização, ainda que calejado, o Brasil vislumbra um futuro diferente, a esperança paira frente às dores do que se enfrentou.

Como pode ser visto durante o trabalho, as consequências psicológicas de regimes repressores podem atingir não só aqueles que sofrem com torturas ou desaparecimentos de entes queridos, como se infere que todos influenciados possam sofrer consequências referentes a esses momentos.

Na análise de *Morangos Mofados* puderam ser identificados personagens e contos que tratavam diretamente de patologias psicológicas ou seus sintomas. A própria estrutura do livro, dividida em três momentos, indica um processo de lento apodrecimento seguido de uma renovação duvidosa, para finalmente indicar que é possível experimentar novamente o frescor.

Assim, se procurou tratar desses três momentos de forma a ligá-los aos momentos vividos entre 1960 e 1980 e indicar passagens em que o autor tentou explicitar ao máximo esse encadeamento. *Morangos Mofados* de Caio Fernando Abreu pode ser visto pela perspectiva de uma geração que passou por esses momentos e sobreviveu para indicar que ainda havia esperança.

## Referências

ABREU, Caio Fernando. **Morangos Mofados**. Ed. Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. (Coleção Clássicos para Todos).

AYDOS, Valéria; FIGUEIREDO, César Alessandro S. A construção social das vítimas da ditadura militar e a sua ressignificação política. **Interseções: revista de estudos interdisciplinares**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 392-416, dez. 2013. Disponível em: < <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intersecoes/article/viewFile/9521/7374>>. Acesso em: 20 maio 2017.

BORGES, Adriana Cristina; NORDER, Luiz Antônio Cabello. Tortura e Violência por Motivos Políticos no Regime Militar no Brasil. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS, 7., 2008, Londrina, PR. **Anais eletrônicos...** Londrina: Eduel, 2008. Disponível em: < <http://www.uel.br/eventos/sepech/sepech08/arqtxt/resumos-anais/AdrianaCBorges.pdf>>. Acesso em: 19 maio 2017.

CHOCIAY, Luciana; MONTEIRO, Claudia. Reflexões sobre Memória e Testemunho a partir do Livro Brasil: Nunca Mais. **TEL Tempo, Espaço e Linguagem**, Paraná, v. 4, n. 1, p. 84-98, 2013. Disponível em: < <http://177.101.17.124/index.php/tel/article/view/4137#.WT1k-2jyvIU>>. Acesso em: 19 maio 2017.

DE BARROS, Patrícia Marcondes. A contracultura tropical e a resistência à ditadura militar. **Akrópolis-Revista de Ciências Humanas da UNIPAR**, Paraná, v. 12, n. 1, 2004. Disponível em: < <http://revistas.unipar.br/index.php/akropolis/article/view/388>>. Acesso em: 25 maio 2017.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de; GONÇALVES, Marcos Augusto. **Cultura e participação nos anos 60**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl de. A lógica da suspeição: sobre os aparelhos repressivos à época da ditadura militar no Brasil. **Rev. bras. Hist.**, São Paulo, v. 17, n. 34, p. 203-220, 1997. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01881997000200011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881997000200011)>. Acesso em: 20 maio 2017.

MARTÍN, Alfredo Guillermo. As sequelas psicológicas da tortura. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 25, n. 3, p. 434-449, set 2005. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932005000300008&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932005000300008&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 19 maio 2017.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICA. **Clínicas do Testemunho**. Site de acesso à informação do E-gov. Disponível em: < <http://www.justica.gov.br/seus-direitos/anistia/clinicas-do-testemunho-1>>. Acesso em: 05 jun. 2017.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **O que é contracultura**. 8. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1988. (Coleção Primeiros Passos).